



CLÁUDIO, Mário. **Peregrinação de Barnabé das Índias**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

BARNABÉ OU O GRUMETE DA ARMADA: O HERÓI PÓS-MODERNO DOS MARES CAMONIANOS

Patrícia Pedrosa Botelho¹

*Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais/Universidade Federal de Juiz de Fora
(patricia.botelho@ifsudestemg.edu.br)*

Preâmbulo em torno de uma “literatura de viagens”

A literatura do século XV e XVI tratará, fundamentalmente, das navegações, do comércio e das conquistas ultramarinas. Na acepção de António Borges Coelho, os vocábulos que, neste século, passaram a designar esse movimento coletivo foram “descobrimientos, expansão, evangelização, império, encontro de civilizações, dialética do outro e do mesmo, [...] tempo da descoberta do nu e das vergonhas, passagem do particular ao universal” (Coelho, 2001, p. 87). Neste sentido, a literatura desta época expressa o encontro, o confronto e/ou destruição de algumas culturas.

Com a expansão portuguesa, muitos descobrimientos foram feitos, beneficiando tanto os povos que estavam sendo descobertos quanto os portugueses. Contudo, muitas vezes, estas descobertas se davam por martírio, novos métodos linguísticos, troca de riquezas, de ideias, de técnicas, de animais e de plantas, i.e., através de um confronto entre os povos “descobridores e descobertos”. Na maioria das vezes, o “descobridor” tinha certa primazia em relação ao “descoberto”.

Sob esta perspectiva, pode-se dizer que o século XV e XVI são os tempos das grandes viagens e descobertas marítimas: como a de Vasco da Gama, que uniu o Ocidente ao Oriente; a de Pero Álvares Cabral, que ligou Lisboa e Europa ao Atlântico Sul, dentre várias outras. Estas descobertas marítimas fizeram com que a terra se tornasse um espaço finito e que também se revelasse aos europeus novos povos, novas identidades, novos climas e novos cultos.

Em detrimento destas descobertas, o discurso mítico de Portugal sempre se articulou em torno destas viagens e navegações marítimas. Os descobrimientos e as histórias trágico-marítimas estão sempre a reentrar o campo da Literatura Portuguesa como um “continente revisitado” e reescrito por quem não é descobridor,

¹ Pós-doutora em Literatura. Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IF SUDESTE MG) e Professora Colaboradora do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).



nem navegante, mas precisa de memória de tê-lo sido para produzir uma obra que relate de modo verossímil os acontecimentos dentro da narrativa. Deste modo, o que proponho nesta resenha é a análise de um romance que mesmo tendo um formato diferenciado daquelas narrativas de naufrágio, seja capaz de refletir em seu conteúdo algumas das “idiossincrasias” da Literatura das Grandes Navegações.

Peregrinação de Barnabé das Índias de Mário Cláudio é o objeto de estudo da presente reflexão. Romance de leitura e de interpretação de fruição (no sentido barthesiano do termo), por possuir uma escrita fragmentada e uma narração penetrada por visões variadas, que merece ser analisado por permitir ao leitor uma viagem pela interface de culturas, de textos e de ideologias.

Perscrutando as fronteiras ficcionais de Mário Cláudio

Com um olhar impreciso, um leitor ingênuo pode pensar que *Peregrinação de Barnabé das Índias* de Mário Cláudio trata essencialmente de uma narrativa de naufrágios, como muitas outras que existiram nas literaturas de viagens do século XV e XVI. Contudo, ao iniciar a leitura pelo capítulo “As Neves”, o leitor logo perceberá que não está diante de personagens convencionais. Embora o romance faça uso de personalidades históricas, inerentes à História Portuguesa, não se trata de uma narrativa que retrate os atos heroicos destes personagens.

A escrita de Mário Cláudio relê a figura emblemática do descobridor do caminho para as Índias na contramão dos versos onde se encontram a figura de Vasco da Gama em *Os Lusíadas*. A narrativa propõe uma nova figura a ser centralizada, o grumete da armada, intitulado como Barnabé. Este será o personagem que passará a compartilhar as cenas com o “herói” dos mares camonianos.

O autor da narrativa não está a relatar cronologicamente a vida do grande navegador português e a sua primeira viagem à Índia. A narração é de certo modo heterodoxa, escapando-se às convenções aceitas pela tradição e pela investigação histórica. Mais do que um herói, surge-nos um Vasco da Gama simplesmente humano, preocupado com a sua fazenda, com as suas rendas de homem rico, que não deixa de sofrer com a morte do irmão tuberculoso, de se irritar com certos comportamentos de seus homens de marinhagem e de se preocupar com a sorte da armada estando detido em Calecute. Neste romance, Vasco da Gama não será retratado como herói típico da História de Portugal, mas visto às avessas, de maneira “dessacralizada”, como um velho, doente e hesitante.

A narrativa relê a “heroicidade” da figura de Vasco da Gama na história portuguesa, na medida em que efetuou uma transferência do centro de “força e sabedoria” para um jovem grumete de sua armada. Barnabé é o personagem que será construído distante da nobreza, mas próximo de certa sabedoria e autocontrole capazes de lhe consagrar um espaço de maestria em meio à marinhagem.

O personagem central do livro será Barnabé, mestre cozinheiro de uma nau que parte rumo às Índias. Este aprendiz de marinheiro, judeu de raiz e cristão forçado, acaba por ser um retrato dos personagens mal preparados que povoavam



as embarcações e cujos destinos eram incertos. Barnabé é escolhido pelos servos do Rei para integrar a tripulação da armada prestes a zarpar para a Índia, sendo responsável pelos serviços subalternos do navio. Seu destino acaba por se cruzar com o de Vasco da Gama numa viagem por mares repletos de fantasias, perigos e incertezas.

O tempo e o espaço do romance se multiplicam pelas lembranças de Barnabé em Ucanha, Lamego, Lisboa e pelas reminiscências de Vasco da Gama à viagem para as Índias. Durante a narrativa, delinea-se um Portugal com territórios marcados por judeus e cristãos-novos. A narrativa não é contada somente pela ótica de um português, mas também através de um judeu “convertido” ao cristianismo. Neste sentido, o enredo do romance vai “avançando na contramão, [...] porque se conta não só como história de portugueses, mas também como história de judeus” (Idem, p. 412-413).

Ainda uma fé muito intensa, peculiar das narrativas de naufrágios, percorre a memória, o sonho e a psique dos personagens. Trata-se de uma modalidade literária que ao se aproximar do enredo das Literaturas de viagens, subvertem-na, dando um tom pós-moderno àquilo que foi considerado os “Grandes Relatos” do século XV e XVI. Mário Cláudio está a (re)ler os séculos das Grandes Navegações, porém com a ótica do escritor contemporâneo que é.

O leitor está diante de um texto que se assemelha à crônica, ao roteiro, ao diário, à biografia. No romance são reunidas interpretações de diferentes gêneros literários sem conferir as precisões factuais a que estes estão obrigados, dando assim uma visão diferente dos feitos portugueses.

Dialogando com textos como o *Roteiro da Índia*, de Álvaro Velho ou *Os Lusíadas*, de Camões, Mário Cláudio (re) cria uma narrativa de acordo com uma estética da desconstrução, tão própria do período pós-moderno em que vivemos, em que tudo se (re)questiona e onde os valores instituídos são pulverizados. Esta maneira de narrar a história, sem segui-la de maneira linear, é um dos aspectos do romance *Peregrinação de Barnabé das Índias* a compor o que Linda Hutcheon (1991) chama de “metaficção historiográfica”, ao nomear a tendência comum, que existe entre os escritores pós-modernos, de pensar criticamente os dados fornecidos pelos manuais oficiais de história, sem, contudo, imitá-los.

Como aprender com “as viagens”?

Refletir em *Peregrinação de Barnabé das Índias* sobre este passado histórico de Portugal que foi incorporado e modificado, que recebeu sentidos novos e diferentes é muito significativo para o âmbito literário, já que visitar o passado é uma forma de tentar compreender o que pode vir a acontecer no futuro. Visitar o passado histórico de um país através da ficção é ainda mais instigante, já que através deste podemos contestá-lo, transformá-lo em sonho, utopia ou desprazer. Viajar pelos labirintos da ficção nos faz aprender que o passado, o futuro e o presente podem tomar outras formas e outros significados.



A narrativa de Mário Cláudio não tem a pretensão de refletir ou reproduzir a realidade, promovendo uma mimese simplista; “a ficção é apresentada como mais um entre os discursos pelos quais elaboramos nossas versões de realidade” (Hutcheon, 1991, p. 64). A obra é uma “acumulação” de interpretações feitas pelos leitores até o presente.

O fato de o texto ficcional de Mário Cláudio fazer uso de personagens que existiram na realidade portuguesa não o torna um documento histórico que está a representar as ações humanas pela linguagem. O enredo do livro faz uso de elementos extra-diegéticos para dar forma à imaginação daquele que escreve. O texto é o lugar de encontro, o espaço onde ficção, realidade e possíveis acontecimentos estão inseridos num mesmo plano, estando apto a instalar e subverter os próprios recursos que desafia.

Quanto à concepção de viagem do romance, não podemos tomá-la somente no sentido literal do termo. O romance não foi construído somente com o intuito de narrar a viagem de Vasco da Gama e de sua armada às Índias. Mesmo a viagem enquanto tal é desenhada com uma linguagem fragmentada e sem caráter épico, ou seja, tomando um formato diferente da Literatura das Grandes Navegações. Nestas viagens, elimina-se a ordem de causalidade cronológica, ou seja, rejeita-se qualquer relação de causa e efeito. Despreza-se a veracidade histórica e a sequência da narração, sem que isto apareça como falha, mas antes como desafio à construção de coerência que pode ser empreendida pelo leitor.

Já o tempo da viagem enquanto lembrança é uma forma de conhecimento do outro, do outro de si mesmo e de si mesmo. Para Barnabé, a viagem parece ser uma forma de (re)pensar as crenças “que velavam hierarquias no contato com o outro” (Alves, 2000, p. 415). Sua função na armada, antes subalternizada, acaba por tomar a forma de um conselheiro, que ajuda seus camaradas nas “canseiras da maréação” (Cláudio, 1998, p. 246) e que diminui o receio que se sentia em relação aos perigos encontrados nos mares.

Com a ida para as Índias, o cansaço e as tormentas sofridas faziam com que a tripulação não acreditasse que conseguiriam retornar a Lisboa. Barnabé acaba por se tornar o personagem que encoraja os mareantes de que chegariam novamente ao lugar de origem:

Momentos antes de ascender o sol, quando navegavam ao largo dos ilhéus de São Jorge, apareceu ao moço o céu constelado das ditas aves, e nisto decifrou ele que não deixariam de retornar a Lisboa, a despeito das vicissitudes que houvessem de superar.
(Cláudio, 1998, p. 248)

Sua atuação na nau não é simplesmente a de um simples tripulante inexperiente, mas a de um personagem que concede valores positivos aos tormentos encontrados. A viagem para as Índias além de o faz retroceder e reintroduzir imagens e fatos inerentes à sua infância, iniciação sexual e os relatos da “vida em terra”, faz com que Barnabé seja o personagem responsável por narrar e refletir a respeito das aproximações dos tripulantes com aqueles povos de terras longínquas.



As divagações e alucinações de Barnabé, durante a estadia na armada, fazem com que o leitor apre(e)nda que as viagens não são apenas uma ida a outro lugar, mas uma forma de conhecer os outros “eus” que possuímos diante de transtornos, medos e situações indesejadas e inesperadas.

Quando chega das Índias em Lisboa, Barnabé já não é mais o mesmo. Mesmo o personagem não tendo autoconsciência da diferença entre aquele “eu” que partiu e o que voltou, o narrador nos deixa subentender que é ele o personagem responsável por instituir coragem e força.

Peregrinação de Barnabé das Índias não pretende ser um romance que quer veicular somente a ideia da viagem às Índias. A peregrinação do personagem Barnabé não foi somente pelas terras distantes que toda a tripulação das naus estava em busca, mas também pode ser vista como uma peregrinação pelas etapas de sua vida.

Não é fortuito o capítulo que Mário Cláudio dedica à iniciação sexual deste personagem. Em “As Chagas”, Barnabé é “colocado” frente à cidade de Lisboa e onde este menino do interior aprenderá suas malandragens. É ali que o personagem terá que passar por várias profissões para se sustentar, já que teve que sair da casa de seu primo Joseph por ter engravidado sua filha Revocata.

O capítulo é intitulado por chagas pelo fato de Barnabé ter se relacionado com uma prostituta e ficar com o corpo marcado por bubões. Assinala-se a iniciação sexual de Barnabé e as marcas que ficaram registradas em sua própria pele. Tal passagem, exposta com humor pelo narrador do romance, marca as transformações e as peregrinações experimentadas pelo personagem. Deste modo, o romance parece também ter o objetivo de se centrar na figura de Barnabé e de suas peripécias pelas cidades e pelas Índias.

No que se refere ao personagem Vasco da Gama, pode-se dizer que cada viagem foi de maior estranhamento e decepção, já que cada cidade procurada não era exatamente o que ele esperava. Quando sua memória era acionada para falar dos povos que encontrou, refere-se a eles como “grossa multidão de espíritos malignos, [...] latindo e bufando, [...] ora nos acometiam sob a espécie de bichos, e levantavam-se zurros e cacarejos, uivos e guinchos” (Cláudio, 1998, p. 222).

A viagem para as Índias, no que tange à figura de Vasco da Gama, é a de um navegador fraco, indeciso e sem fôlego para aturar as admoestações da viagem. Será ele mesmo quem, ao final do romance, relatará a Barnabé “foste tu, foste tu, e mais ninguém, quem essas Índias na verdade descobriu” (Idem, p. 278), reiterando a ideia de que Barnabé mesmo sendo o grumete da armada - o tripulante inexperiente - foi quem atravessou aqueles mares, aturando as tempestades interiores e exteriores dele mesmo e dos outros mareantes.

Neste romance, Mário Cláudio parece querer-nos (re) lembrar que a Índia existe e a sua procura poderá ser o caminho da busca interior de uma paz, de um conhecimento. Urge aproximarmo-nos do mar, porque “triste de quem se extingue sem lóbrigar uma barca só, e sem se despedir de velas enfunadas” (Ibidem, 1998, p. 55).



Referências Bibliográficas

ABELAIRA, Augusto. **Nem só mas também**. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

ALVES, Maria Theresa Abelha. "A peregrinação iniciática de Barnabé das Índias". In: **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanitas**. Porto, v. 3, n. 2, 2000.

BRITO, Bernardo Gomes de. **História Trágico-Marítima**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores / Contatempo, 1998.

CLÁUDIO, Mário. **Peregrinação de Barnabé das Índias**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

COELHO, António Borges. "Os argonautas Portugueses e o seu velo de ouro (séculos XV-XVI)". In: TENGARRINHA, JOSÉ (Org.) **História de Portugal**. Lisboa: UNESP, 2001.

FERRAZ, Maria das Graças. **Vasco da Gama entre Os Lusíadas e Peregrinação de Barnabé das Índias: um estudo comparativo do processo de heroicização**. Dissertação de Mestrado. UFF: Niterói, 2003.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LOURENÇO, Eduardo. "As descobertas como mito e o mito das descobertas". In: **Colóquio Literatura dos Descobrimentos**. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 1997.

Recebido: 25/03/2021

Aprovado: 10/04/2021